

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

ESTHER HANNAH FALCÃO RANGEL MOREIRA

**A PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS TRANSEXUAIS E CISGÊNERO EM
COMPETIÇÕES DE ESPORTES COLETIVOS E O DISCURSO DOS ATORES
SOCIAIS ENVOLVIDOS NO ESPORTE**

JOÃO PESSOA – PB
2024
ESTHER HANNAH FALCÃO RANGEL MOREIRA

**A PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS TRANSEXUAIS E CISGÊNERO EM
COMPETIÇÕES DE ESPORTES COLETIVOS E O DISCURSO DOS ATORES
SOCIAIS ENVOLVIDOS NO ESPORTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina Seminário de Monografia II como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Educação Física, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha

JOÃO PESSOA – PB
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M838p Moreira, Esther Hannah Falcão Rangel.

A Participação de atletas transexuais e cisgênero em competições de esportes coletivos e o discurso dos atores sociais envolvidos no esporte / Esther Hannah Falcão Rangel Moreira. - João Pessoa, 2024.
49 f.

Orientação : Iraquiton de Oliveira Caminha.
TCC (Graduação) - UFPB/CCS.

1. Transexuais. 2. Gênero. 3. Esporte. 4. Legitimidade. 5. Competições. I. Caminha, Iraquiton de Oliveira. II. Título.

UFPB/CCS

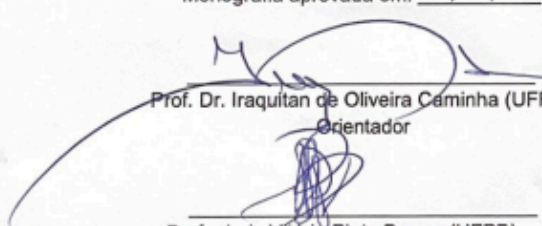
CDU 305

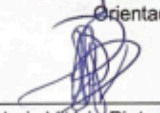
Esther Hannah Falcão R. Moreira

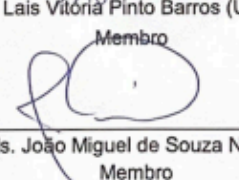
**A PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS TRANSEXUAIS E CISGÊNERO EM COMPETIÇÕES DE
ESPORTES COLETIVOS E O DISCURSO DOS ATORES SOCIAIS ENVOLVIDOS NO
ESPORTE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à disciplina Seminário de Monografia II como
requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Educação Física, no
Departamento de Educação Física da
Universidade Federal da Paraíba.

Monografia aprovada em: ____/____/____


Prof. Dr. Iraquiton de Oliveira Caminha (UFPB)
Orientador


Profa. Lais Vitória Pinto Barros (UFPB)
Membro


Prof. Ms. João Miguel de Souza Neto (UFPB)
Membro

João Pessoa
2024

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço a Deus, que, com Sua presença em minha vida, tem iluminado meus caminhos, acalmado meu coração nos momentos de tribulação, concedendo-me saúde e possibilitando a realização deste momento;

À minha mãe, Ester, com sua incansável dedicação ao longo de toda a minha trajetória escolar e acadêmica, sendo fundamental para que eu recebesse a melhor educação possível, enfrentando a nossa jornada muitas vezes sozinha, oferecendo-me consolo nos períodos adversos e transmitindo-me forças, sempre com suas orações, incentivo e apoio incondicionais;

À minha irmã, Darcy, que sempre se dispôs a me ajudar e ensinar tudo o que a Universidade pode nos proporcionar. Minha irmã, você me inspira com seu caráter exemplar, sua dedicação em tudo o que se propõe a fazer e seu profissionalismo e competência inigualáveis. Uma professora que faz diferença por onde passa;

Ao meu irmão, Cláudio, que me aconselhou e me ajudou no início dessa dura caminhada acadêmica. Meu irmão, você é um grande exemplo de que o trabalho duro sempre recompensa na busca pelos nossos sonhos;

Aos meus avós, Humberto e Darcy, cujo amor e apoio inabaláveis foram uma fonte de sustento;

Ao meu grande amor, que me inspira e estimula desde o início da graduação sendo fundamental para o aperfeiçoamento em minha carreira, me trouxe tranquilidade nos momentos difíceis e compartilhou tantos momentos incríveis durante nossa caminhada;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Iraquitan, cuja generosidade em compartilhar seus conhecimentos e sua disposição ininterrupta foram essenciais para a realização deste trabalho, desde a concepção do Projeto de Pesquisa no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), do qual fui sua bolsista;

À Universidade Federal da Paraíba, com seu programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Pró-Reitoria de pesquisa (PROPESQ) e a

Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ), promovendo constantemente o desenvolvimento científico e tecnológico, apoiando pequenos e grandes pesquisadores, me permitindo chegar até aqui hoje.

“Seja a mudança que você quer ver
no mundo”

-Mahatma Gandhi

RESUMO

A participação de pessoas transexuais em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero, promoveu discussões em diversas esferas e por diferentes profissionais envolvidos no mundo esportivo, além da população de maneira geral, sobre a legitimidade dessas pessoas nas competições. Diante do exposto, o objetivo deste estudo é compreender os argumentos utilizados pelos atores sociais envolvidos no esporte para legitimar ou deslegitimar a participação de pessoas transexuais em competições esportivas. A pesquisa se caracteriza como qualitativa e contou com 11 participantes divididos em: atletas transexuais e cisgênero profissionais e/ou amadores de voleibol; técnicos esportivos de handebol (que já trabalharam com pessoas trans ou não) e fisiologistas. O método de seleção amostral utilizado foi referência em cadeia, a partir de um contato selecionado de maneira não probabilística por conveniência. Utilizamos a entrevista do tipo semi-estruturada como instrumento de coleta de dados, que foram analisados a partir da análise do discurso com base em Foucault (2008), elencando as regularidades e as dispersões enunciativas e comparando as duas perspectivas discursivas à luz da literatura especializada. Diante disso, foi compreendido os argumentos utilizados pelos atores sociais envolvidos na pesquisa e os seus posicionamentos sobre a participação de pessoas transexuais em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero. Por fim, analisando as experiências dos atores da pesquisa, notou-se um conflito de opiniões. Um grupo concordava com a participação de pessoas transexuais em competições esportivas e o outro não. Destaca-se que houve também posições sobre as possíveis vantagens de mulheres transexuais nessas competições.

Palavras-chave: transexuais; gênero; esporte; legitimidade; competições.

ABSTRACT

The participation of transgender people in sporting competitions according to their gender identity has promoted discussions in different spheres and by different professionals involved in the sporting world, in addition to the population in general, about the legitimacy of these people in competitions. Given the above, the objective of this study is to understand the arguments used by social actors involved in sport to legitimize or delegitimize the participation of transgender people in sporting competitions. The research is characterized as qualitative and included 11 participants divided into: transsexual and cisgender professional and/or amateur volleyball athletes; handball sports coaches (who have worked with trans people or not) and physiologists. The sample selection method used was chain reference, based on a contact selected in a non-probabilistic way for convenience. We used semi-structured interviews as a data collection instrument, which were analyzed based on discourse analysis based on Foucault (2008), listing regularities and enunciative dispersions and comparing the two discursive perspectives in the light of specialized literature. . In view of this, the arguments used by the social actors involved in the research and their positions on the participation of transgender people in sports competitions according to their gender identity were understood. Finally, analyzing the experiences of the research actors, a conflict of opinions was noted. One group agreed with the participation of transgender people in sports competitions and the other did not. It is noteworthy that there were also positions on the possible advantages of transgender women in these competitions.

Keywords: transsexuals; Genre; sport; legitimacy; competitions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 OBJETIVOS.....	13
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	15
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	19
3.1 Caracterização do estudo.....	19
3.2 Sujeitos do estudo.....	19
3.3 Instrumentos para a coleta de dados.....	19
3.4 Procedimentos para a coleta de dados.....	20
3.5 Análise dos dados.....	20
3.6 Procedimentos éticos.....	21
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	22
5 CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	31
ANEXOS	35
APÊNDICES.....	49

1 INTRODUÇÃO

Destacamos que esse trabalho é uma extensão da pesquisa realizada por Jéssica Leite Serrano, no nível de doutorado, no Programa Associado de Pós-graduação em Educação Física UPE/UFPB, sob a orientação do professor Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha.

Para compreender o que define uma pessoa transexual, é fundamental considerar a perspectiva do Dr. Harry Benjamin, um endocrinologista alemão que foi pioneiro no estudo da transexualidade na medicina. Ele descreve a transsexualidade como o "sentimento que uma pessoa de determinado sexo tem de pertencer ao sexo oposto, muitas vezes acompanhada pela obsessão de alterar sua conformação sexual para viver de acordo com a imagem que tem de si mesma". É importante destacar que a transexualidade não é uma patologia, mas sim uma desconexão entre o corpo e a mente, resultando em uma percepção distorcida de si mesmo, conforme apontam Philip Solomon e Vernon D. Patch como conceito da medicina Legal e psicologia forense.

Nos últimos anos, a transexualidade vem sendo tema de debates que ultrapassam a academia e alcançam diferentes meios. Mesmo diante desse aumento no número de debates sobre o assunto, ainda não há um consenso sobre a definição do termo, havendo proximidades e distanciamentos nas diferentes tentativas de definições. Segundo Arán (2006, p.50), "nas diversas teorias que abordam esta questão parece haver um aspecto consensual: o de que na transexualidade haveria uma incoerência entre sexo e gênero".

A educação física, mesmo que de maneira tímida, vem trazendo a população trans para o debate dentro da área. Um dos motivos que pode justificar o aumento no número de estudos sobre a temática é a participação de pessoas transexuais em competições esportivas. O tema ganhou maior visibilidade e gerou novos debates com o lançamento da nova cartilha de inclusão do Comitê Olímpico Internacional em 2021. Este documento enfatiza que "todos, independentemente de sua identidade de gênero, expressão e/ou variações sexuais, devem poder participar do esporte com segurança e sem

preconceitos", ressaltando a importância da inclusão e da diversidade no ambiente esportivo.

Historicamente, o esporte tem utilizado critérios biológicos para definir masculinidades e feminilidades, o que resulta na divisão binária das competições. Essa abordagem tem perpetuado estereótipos de gênero e levantado questões sobre a inclusão e equidade no ambiente esportivo. As políticas de verificação de gênero podem ser compreendidas como uma maneira de reforçar essas separações e construir barreiras entre o masculino e o feminino (Silveira; Vaz, 2014; Pires, 2016). Nestes processos, as mulheres são submetidas a testes que buscam comprovar a sua feminilidade e distanciar qualquer possibilidade de presença de hormônios tipicamente masculinos em quantidades fora do "padrão". Nesta ótica, considera-se mulher e homem cisgênero àquela que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no seu nascimento (Jesus, 2012).

Esta política pode ser requerida se houver alguma "dúvida" sobre o pertencimento de uma atleta ao sexo feminino. Caso existam alterações nos resultados destes testes, como alguma "anomalia", o Comitê Olímpico Internacional (COI) indica a opção cirúrgica ou hormonal, e, só depois de sanadas as alterações, as atletas podem retornar às competições (Goellner, 2016). As atletas Edinanci Silva e Dutee Chand, tiveram em momentos diferentes da história do esporte a feminilidade questionada e tiveram que se submeter aos testes dessa política de verificação de gênero. No caso de Edinanci, a atleta precisou, inclusive, passar por procedimentos cirúrgicos para poder competir.

A ordem discursiva que sustenta a legitimidade dos testes de feminilidade está ancorada na aceitação da linearidade e da harmonização entre corpo, sexo e gênero, invisibilizando a existência de outras matizes (Goellner, 2016, p.36).

Mundialmente, observamos casos no esporte que desafiam a ordem estabelecida e promovem visibilidade e acesso a competições para pessoas

que antes não se enquadravam nas normas da ordem heteronormativa. Um exemplo é a boxeadora argelina Imane Khelif, que participou das Olimpíadas de Paris 2024. Imane, uma atleta intersexo com alteração no cromossomo XY, gerou controvérsia após a italiana Carini desistir da luta ao ser golpeada por ela. Outro caso significativo é o da nadadora Lia Thomas, que perdeu um recurso na Corte Arbitral do Esporte e foi proibida de competir nas Olimpíadas de Paris. Essa decisão se baseou de acordo com a regra da federação internacional de desportos aquáticos, que estabelece que atletas trans só podem competir em suas provas se tiverem completado a transição de gênero antes da puberdade masculina, aos 12 anos (Policy on eligibility for the men's and women's competition categories, 2023). Esses casos destacam os desafios enfrentados por atletas que buscam equidade em um sistema que ainda é fortemente influenciado por normas de gênero tradicionais.

Segundo Waleska Vigo (2024, p. 16), “a visão biológica determinista foi decisiva ao sustentar a necessidade de segregação esportiva em categorias, além de ditar qual modelo de corpo era considerado 'legítimo' para a categoria feminina”. Essa perspectiva resulta em um discurso impositivo por parte das cortes e federações, que determinam o que é feminino ou masculino. Para isso, utilizam testes de verificação de gênero e outros métodos que segregam e humilham pessoas que não se enquadram nos padrões heteronormativos. Essa abordagem não apenas marginaliza indivíduos, mas também perpetua estigmas e preconceitos no ambiente esportivo.

A pesquisa científica é uma das ferramentas mais eficazes para a promoção do conhecimento, pois estimula a busca por novas respostas através do raciocínio crítico (Silva, 2013). Assim, o presente estudo retoma o Projeto de Pesquisa realizado por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). O objetivo desta retomada é aumentar a produção de artigos científicos sobre a participação de pessoas transexuais em competições esportivas, visando desmistificar o tema e promover um debate atual e enriquecedor entre atletas, fisiologistas e técnicos esportivos.

A educação física ainda não se apropriou de maneira consistente da temática, havendo muitas possibilidades de se aprofundar na interface entre

atletas transexuais e educação física e preencher lacunas da produção científica.

Diante do exposto, esse estudo se justifica por aumentar a discussão sobre a temática no meio científico, possibilitando vislumbrar as questões que envolvem a participação de atletas transexuais em competições esportivas além das polêmicas, mas, com respaldo científico baseado nos discursos dos atores sociais que fazem o esporte.

A fim de tentar diminuir a escassez de estudos na área, o presente estudo adota o seguinte problema de pesquisa: quais os argumentos utilizados por técnicos; atletas cisgênero e transexuais no esporte coletivo para legitimar ou deslegitimar a participação de atletas transexuais em competições esportivas da modalidade?

.

1.1 OBJETIVOS

A fim de tentar diminuir a escassez de estudos na área, o presente estudo adota o seguinte problema de pesquisa: quais os argumentos utilizados por técnicos; atletas cisgênero e transexuais no esporte coletivo para legitimar ou deslegitimar a participação de atletas transexuais em competições esportivas da modalidade?

Assim, os objetivos gerais do trabalho consistem em analisar os argumentos utilizados pelos atores sociais envolvidos no esporte para legitimar ou deslegitimar a participação de pessoas transexuais em competições esportivas, tendo como objetivos específicos:

- Perceber o posicionamento de técnicos esportivos das modalidades de esportes coletivos; fisiologistas e atletas cisgênero sobre a participação de pessoas transexuais em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero.
- Entender o posicionamento de atletas transexuais sobre as suas participações em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero.

- Analisar as experiências de atletas transexuais sobre as suas participações em competições esportivas segundo sua identidade de gênero.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Atualmente no Brasil e no mundo percebemos um modelo heteronormativo definido pela sociedade contemporânea em que as pessoas cisgêneras são consideradas “normais” e as pessoas que fogem desse padrão são discriminadas e muitas vezes excluídas do meio social em que vivem.

Avanços importantes nos eventos esportivos vêm mostrando uma ótica diferente sobre corpos, desempenho atlético e esportivo (Camargo; Kessler, 2017). Um dos grandes avanços no esporte foi protagonizado pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) em 2021, que buscou promover condições para a participação de pessoas transexuais em competições esportivas oficiais segundo a sua identidade de gênero com seu novo quadro sobre equidade, inclusão e não discriminação na base da identidade de gênero e variações sexuais.

Antes de 2016, atletas transexuais precisavam se submeter a cirurgia de transgenitalização para poder participar de competições esportivas. Com as novas diretrizes, não existem restrições para homens transexuais, e para as mulheres transexuais, é necessário que a atleta se declare em sua identidade de gênero como feminina, mantenha nível de testosterona abaixo de 10nmol/L durante os últimos 12 meses antes da sua primeira competição e mantenha este mesmo nível ao longo da competição. Com essa mudança, se ampliam as possibilidades da participação de pessoas transexuais nos esportes (Serrano; Caminha; Sena, 2017).

Para a população transexual, essas mudanças nas diretrizes do COI auxiliam na ampliação de sua inserção em todas as esferas e espaços, dissipando mais uma barreira de exclusão e possibilitando o acesso a competições de alto nível por atletas transexuais com condições mais acessíveis de serem alcançadas, fazendo valer seus direitos, já que, “o direito ao esporte é considerado constitucionalmente e tem status de direitos humanos, internacionalmente” (Machado; Turatti Júnior, 2018, p.23).

Foucault (2008) analisa como certos discursos podem excluir ou marginalizar vozes e experiências, destacando o poder que grupos específicos exercem ao definir o que é normativo ou aceitável. Quando uma esfera política reconhecida e respeitada mundialmente apoia a participação de pessoas transexuais nas competições esportivas, isso não apenas promove uma maior empatia em relação ao tema, mas também abre espaço para que o público geral se informe e se engaje na discussão. No entanto, a resistência dos grupos que defendem um modelo heteronormativo no esporte resulta na marginalização e exclusão das pessoas transexuais, dificultando seu acesso às modalidades esportivas de alto rendimento. Essa dinâmica evidencia a necessidade de um diálogo mais inclusivo e respeitoso para garantir que todas as vozes sejam ouvidas e reconhecidas.

No Brasil, um caso de inserção de pessoas transexuais no esporte que ganhou grande repercussão foi o da jogadora de voleibol Tiffany Abreu, que atualmente representa o time do Sesi Vôlei Bauru na superliga feminina. Após conseguir manter seus níveis de testosterona dentro dos números impostos pelo COI, a FIVB (Federação Internacional de Voleibol) permitiu que a atleta se inscrevesse em ligas femininas. A atleta tem o direito previsto na legislação do COI para participar das competições, todavia, mesmo de acordo com a legalidade, a sua legitimidade no esporte ainda é questionada. Casos como esses desestabilizam as normas heteronormativas envolvidas no esporte e possibilitam novos significados para os corpos nas práticas esportivas (Garcia; Pereira, 2018).

Em contexto mundial, um exemplo notável de exclusão de um atleta que foge aos padrões heteronormativos é o caso da boxeadora argelina Imane Khelif, que se tornou o centro de controvérsias e ataques preconceituosos durante os Jogos Olímpicos de Paris. Sua elegibilidade foi questionada após a desistência de sua oponente na competição. Embora Khelif seja uma mulher cisgênera, ela possui uma alteração cromossômica, apresentando o

cromossomo XY em vez do XX, o que resulta em uma produção elevada do hormônio testosterona.

Outro exemplo nas Olimpíadas de Paris 2024 é o da futebolista canadense Quinn, que se identifica como não binária. Quinn foi a primeira atleta trans a disputar uma Copa do Mundo e atualmente joga no OL Reign de Seattle, na Liga Nacional Feminina dos Estados Unidos. Sua presença, tanto no clube quanto na seleção, não gerou questionamentos. Isso evidencia que o preconceito enfrentado por mulheres trans no esporte é significativamente maior, uma vez que o gênero de nascimento de Quinn é feminino, e sua participação em competições esportivas ocorreu sem dificuldades. Essa diferença ressalta as complexidades e desigualdades que ainda permeiam a inclusão de atletas trans no ambiente esportivo.

Foucault explora como diferentes sociedades definem a verdade e quais discursos são valorizados, enfatizando o papel das instituições, a ciência e a medicina, na determinação e legitimação de certas verdades sobre indivíduos e sociedade. Nesse contexto, pessoas transgêneros, tanto masculinos quanto femininos, têm relatado anedoticamente que o acesso à participação esportiva, como se tornar membro de um time de futebol local, é frequentemente restringido. Até mesmo organizações esportivas comunitárias e locais que atuam em nível recreativo implementam políticas que, embora pretendam ser inclusivas, podem ser limitantes. Muitas vezes, a aceitação de pessoas trans vem acompanhada de experiências negativas, como exclusão por parte de outros jogadores e falta de aceitação por parte da torcida. Esses relatos evidenciam que as pessoas transgênero enfrentam significativas barreiras ao tentar se envolver em esportes competitivos e atividades físicas relacionadas ao esporte (Jones *et al.*, 2017)

A análise dos estudos científicos e das normas desportivas revela um esforço contínuo para promover a inclusão de pessoas transexuais no âmbito esportivo. Esse reconhecimento, por sua vez, favorece a inserção dos indivíduos transexuais na sociedade de maneira mais abrangente.

O Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) divulgou recentemente uma notícia sobre a polêmica das “desigualdades” desse direito, apontando dados que respaldam a decisão do COI e expondo a baixa participação de pessoas trans no esporte, que se dá principalmente, por causa do preconceito. O esporte ainda é muito limitado quanto à diversidade sexual. “Na maioria das modalidades, dirigentes e torcedores ainda são machistas e homofóbicos. Aos poucos, entretanto, o debate vai aumentando e os clubes vão se abrindo ao diferente” (CONFEF, 2018).

Dessa forma, é possível analisar que os argumentos utilizados para legitimar ou deslegitimar a participação dos atletas em competições esportivas geralmente são pautados em discursos médicos/biológicos ou em aspectos socioculturais.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Caracterização do estudo

O presente estudo foi caracterizado como uma pesquisa do tipo qualitativa, onde as informações foram recolhidas, descritas, analisadas e interpretadas com base na literatura (Negrine, 2010). Nessa ótica de se fazer pesquisa, as realidades sociais são interpretadas (Bauer; Gaskell; Allum, 2015) e as falas dos sujeitos envolvidos ganham protagonismo, aumentando a importância dessa alternativa metodológica no campo das ciências humanas e sociais e também na Educação Física (Goellner *et al.*, 2010).

O método de seleção amostral adotado para compor os grupos foi a referência em cadeia, também conhecido como amostra do tipo “bola de neve”.

3.2 Sujeitos do estudo

A pesquisa foi composta por 11 participantes, dividido em quatro grupos, sendo:

Grupo 1: três (3) atletas amadores cisgêneros.

Grupo 2: uma (1) atleta amadora transexual.

Grupo 3: quatro (4) fisiologistas da UFPB.

Grupo 4: três (3) técnicos esportivos da modalidade de handebol.

Os participantes foram escolhidos de forma não probabilística, com base na conveniência. Após sua participação na pesquisa, foram convidados a indicar outros membros do mesmo grupo, fornecendo seus contatos para dar continuidade ao estudo.

3.3 Instrumentos para a coleta de dados

As narrativas foram recolhidas através de uma entrevista semiestruturada, onde nesse tipo de entrevista há perguntas previamente

definidas, todavia, o pesquisador tem liberdade de explorar pontos não previstos que sejam relevantes ao estudo (Negrine, 2010).

Foram produzidos roteiros diferentes de acordo com o grupo que será entrevistado, podendo ser atleta, fisiologista ou técnico esportivo, conforme consta no apêndice A, B e C. Esses roteiros foram elaborados com base na literatura relacionada ao tema.

3.4 Procedimentos para a coleta de dados

Quanto à análise das narrativas, foi realizado uma análise do discurso dos(as) participantes baseada na linha arqueológica Foucaultiana, tendo em vista que “todo discurso é circunstancial e não ocorre em um vácuo social” (Gill, 2015, p. 249), ou seja, quem produz a fala se posiciona socialmente. Essa perspectiva busca enfatizar a identificação e discussão de enunciados que compõem um determinado campo de acontecimentos e que funcionam como funções de existência, ou seja, determinam perspectivas de realidade (Teixeira *et al.*, 2015).

O processo de análise se dará com base nos critérios estabelecidos por Foucault (2008), seguindo os seguintes passos: transcrição das entrevistas; leitura atenta dos discursos; separação dos elementos orientadores para a análise; as regularidades enunciativas (os discursos que seguem o normativo, que são hegemônicos e não fogem às regras) e as dispersões enunciativas (os discursos que se dispersam do hegemônico e subvertem a ordem) e comparar as duas perspectivas discursivas à luz da literatura especializada.

3.5 Análise dos dados

O presente estudo foi caracterizado como uma pesquisa do tipo qualitativa, em que foi produzido um roteiro para a realização da entrevista semiestruturada onde as informações foram recolhidas, descritas, analisadas e interpretadas com base na literatura (Negrine, 2010).

3.6 Procedimentos éticos

Os voluntários da pesquisa serão esclarecidos quanto aos objetivos, riscos, benefícios e procedimentos da pesquisa. Neste sentido, os participantes serão apenas considerados voluntários após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, sendo garantido aos mesmos o sigilo e confidencialidade das informações individuais e que só dados globais serão divulgados a comunidade acadêmica e demais públicos, conforme as normas para a realização de Pesquisas com Seres Humanos e atendendo aos critérios da Bioética do Conselho Nacional de Saúde na sua Resolução 466/12 (Brasil, 2013). O presente projeto já obteve aprovação no comitê de ética em pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, por meio do parecer consubstanciado de número 29725620.0.0000.5188 tendo seguido todos os trâmites éticos para pesquisa com seres humanos conforme a resolução 466/12.

Informamos que os benefícios do estudo são elevados e estão relacionados com maior conhecimento sobre os argumentos utilizados para a legitimação ou a deslegitimação da participação dos atletas transexuais em competições esportivas. A presente pesquisa não prevê nenhum risco aos seus participantes, mas aponta que pode haver algum constrangimento que pode ser ocasionado por alguma pergunta da entrevista, caso isso aconteça, o entrevistado pode parar a entrevista a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo.

Por optar pelo método de seleção amostral do tipo referência em cadeia, não há como a pesquisa dispor de termos de anuência, tendo em vista que não se sabe quem os entrevistados vão indicar, não havendo assim, possibilidade de prever as instituições a quem pedir anuência. Além disso, a pesquisa não pretende associar o entrevistado(a) a alguma possível instituição em que ele(a) esteja vinculado, as entrevistas serão realizadas no ambiente em que o(a) entrevistado(a) optar, fora de qualquer instituição.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente estudo foi realizado com os(as) atletas transexuais e cisgêneros, técnicos e fisiologistas buscando analisar os seus discursos sobre a participação das pessoas trans em competições esportivas. Os(as) atletas entrevistados(as) tinham idade de 20 a 25 anos, e, eram atletas amadores de voleibol e handebol, todos já tinham concluído o ensino médio. Quanto aos técnicos, foram entrevistados técnicos de handebol, sendo que a maioria residia em outros estados. Quanto aos fisiologistas, em sua maioria, eram professores de Universidade e um era fisiologista de um time de futebol.

À luz do autor Berenice Bento, compreendemos a transexualidade como uma questão identitária, caracterizada pela busca de reconhecimento social do sujeito em um gênero oposto ao do seu nascimento (Bento, 2014). Diferente da pessoa transexual, a pessoa cisgênero se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no seu nascimento como explica a autora do livro “Orientações sobre Identidade de gênero: conceitos e termos” (Jesus, 2012). Logo, por meio das entrevistas podemos compreender quais eram as opiniões dos entrevistados. É comum na fala dos atletas entrevistados não haver nenhum tipo de discordância acerca da participação de pessoas trans dentro de uma competição esportiva, tanto jogando no mesmo time quanto no time adversário, todos relataram já jogar “peladas” junto com outros jogadores(as) transexuais sem haver nenhum problema.

O Conselho Federal de Educação Física (CONFEF) divulgou recentemente uma notícia sobre a polêmica das “desigualdades” desse direito, apontando dados que respaldam a decisão do COI e expondo a baixa participação de pessoas trans no esporte, que se dá principalmente, por causa do preconceito. O esporte ainda é muito limitado quanto à diversidade sexual. “Na maioria das modalidades, dirigentes e torcedores ainda são machistas e homofóbicos” (CONFEF, 2018). Dessa forma, analisando a Entrevista 1 com uma atleta transexual (AT1), podemos ver eu relato dentro de algumas

participações esportivas onde os jogadores do outro time a desrespeitam e em alguns casos chegaram a agredi-la como relatado:

Eu percebo isso pelas próprias atletas que "tão" em quadra, acontece pela torcida que tá fora, pelos técnicos que estão ali visualizando, que estão me enfrentando contra, é... inclusive sofri diversas agressões, microagressões", "macroagressões" no último campeonato que eu participei. (AT1)

À luz da teoria dos autores Edinilson Machado e Turatti Junior "o direito ao esporte é considerado constitucionalmente e tem status de direitos humanos, internacionalmente" (Machado; Turatti Júnior, 2018) relacionando com o discurso do AT1, é comum ver relatos onde os jogadores do outro time se recusam a jogar por ter a presença de uma jogadora transexual, dessa forma, tirando seu direito ao esporte.

A análise crítica de Foucault (2008) explora como os indivíduos se subjetivam por meio dos discursos, investigando de que forma as normas sociais moldam tanto a identidade quanto a experiência pessoal, frequentemente de maneira opressiva. Nesse contexto, fica evidente que as ações dos indivíduos na esfera social impactam profundamente a vivência pessoal de cada um, especialmente daqueles que enfrentam discriminação de gênero.

(...) primeiro não quiseram jogar, a gente teve o primeiro jogo da chave e o time se recusou a jogar contra o meu time porque enfim, eu fazia parte do time, eu estava naquele time e o time adversário se recusou a jogar. (AT1)

É comum observar relatos desse tipo de atitude em competições esportivas quando há a participação de uma pessoa transexual, podemos

perceber a discriminação não só pelos atletas participantes, mas também, pelas organizações, como aconteceu na Califórnia, onde uma competição de Crossfit proibiu uma atleta transexual de competir. Com isso, notamos a existência da relação de sofrimento e dor, em sentir diariamente o preconceito dentro do esporte sendo comum entre as(os) atletas de diferentes modalidades onde muitos relatam ser sua paixão, como na fala da atleta trans entrevistada na pesquisa:

(...) O voleibol é um esporte que eu amo e que eu faço desde muito nova (...) eu sinto minha capacidade técnica sendo questionada e sendo visualizada com olhos que eu sei que são por diversas vezes apenas preconceito encoberto, então é um espaço e é um sistema como todo violento e que é bem difícil de lidar...(AT1)

Os argumentos utilizados para legitimar ou deslegitimar a participação das atletas em competições esportivas geralmente são pautados em discursos médicos/biológicos ou em aspectos socioculturais. Quando analisamos as entrevistas buscando compreender se existe vantagens dentro de uma competição onde há a participação de um atleta trans, as opiniões se diversificam. Em 2015, antes das Olimpíadas do Rio, o Comitê Olímpico Internacional (COI) decidiu alguns requisitos para a inclusão de atletas trans nas competições mundiais. Atualmente, elas não precisam fazer cirurgia, mas quem se declara do sexo feminino necessita manter o nível de testosterona inferior a 10 nmol/L por um ano. Os exames são feitos antes dos jogos, regularmente durante a temporada.

De acordo com a pesquisadora Joanna Harper, do Providence Portland Medical Center, nos Estados Unidos, a diminuição da testosterona é suficiente para igualar as competidoras transexuais às mulheres biológicas, chamadas de cis. Esse teste seria satisfatório para provar que as atletas podem competir juntas. Analisando a fala de um dos fisiologistas percebemos que existem

muitos argumentos contra a participação de mulheres trans. Como vemos nesta fala do Fisiologista 1 (F1):

(...) o problema que eu vejo é quando a pessoa é mulher, é que ela faz tratamento hormonal talvez até cirúrgico também, para ganhar características de homem, ela vai perder força? vai, vai perder velocidade, mas tem uma coisa chamada de memória muscular, então a força, mesmo que ela faça tratamento hormonal aos 20 anos de idade, aos 25 anos de idade, 18 anos de idade, quando tiver a maioridade. O músculo dela tem uma memória muscular masculina durante anos e anos de vida. Então pode ser que apenas um tratamento hormonal e talvez cirúrgico não seja suficiente pra lhe dar total característica feminina(...) (F1)

A discussão é baseada em torno das possíveis “vantagens” das mulheres trans em competições femininas, já que não há casos de polêmicas envolvendo testes hormonais em homens trans (Machado; Turatti Júnior, 2018). Diante dessas afirmações, percebemos em outras entrevistas, fisiologistas entrevistados falando que a forma mais justa seria se houvesse a transição antes da puberdade como ele explica na seguinte fala do Fisiologista 2 (F2):

Eu acho que seria mais justo em termos de, não condicionamento físico, mas de dar um pouco mais de equidade, e claro que assim, isso é uma opinião ela está mais direcionada, por exemplo, para as mulheres trans, porque para os homens trans já considera diferente esse raciocínio. (...) uma mulher trans que fez a conversão antes da puberdade está numa proximidade em pé de igualdade com uma mulher Cis, penso dessa forma. (F2)

A transição durante a infância acaba muitas vezes sendo algo difícil e complicado, a fala do F2 evoca as ideias de Paul Preciado em seu livro "Um apartamento em Urano" onde ele afirma que a criança continua a ser considerada um corpo que não tem o direito de governar (Preciado, 2020), desse modo entendemos que mesmo havendo uma disforia de gênero com aquela criança, seus responsáveis acabam ignorando e essa criança só vem fazer a transição posteriormente a sua maioridade legal, após sua puberdade.

Além disso, a política de regras da World Aquatics (WA), a federação internacional de esportes aquáticos, determina que atletas trans podem competir em suas categorias desde que tenham concluído a transição de gênero antes da puberdade masculina, ou seja, até os 14 anos. (Policy on Eligibility for the Men's and Women's Competition Categories, 2023). Essa abordagem, ao fornecer informações mais detalhadas sobre a temática, abre caminho para uma maior participação de atletas transexuais nas competições esportivas.

Com isso, os argumentos utilizados para legitimar ou deslegitimar a participação dos atletas em competições esportivas geralmente são pautados em discursos médicos/biológicos. Quando analisamos a entrevista com outro fisiologista (Fisiologista 3), ao perguntar se ele concorda com a participação das pessoas transexuais em competições esportivas, ele traz argumentos parecidos com o do F1 já citado anteriormente:

Não concordo. As vantagens são inúmeras né, se a gente for comparar com relação a benefícios, eu diria que são inúmeros, porque você tem os níveis de força maior, como já falei, é a capacidade de suportar, é níveis de treinamento um pouco maior e até resistência também maior. (F3)

Muitos desses benefícios se dão pela taxa mais elevada de testosterona. Com isso, analisando essas elaborações podemos trazer como exemplo, mulheres cisgêneros que possuem uma taxa alta de testosterona também

sendo proibidas de competir, como aconteceu com a atleta Dutee Chand que teve sua feminilidade testada e precisou levar seu caso à Corte Arbitral do Esporte (CAS). Em um momento mais atual, durante os Jogos Olímpicos de Paris 2024, em que a boxeadora argelina Imane Khelif, se tornou o centro de controvérsias e ataques preconceituosos durante sua luta contra a italiana Angela Carini. Sua elegibilidade foi questionada após a desistência de sua oponente na competição. Embora Khelif seja uma mulher cisgênera, ela possui uma alteração cromossômica, apresentando o cromossomo XY em vez do XX, o que resulta em uma produção elevada do hormônio testosterona.

Há uma resistência em aceitar as pessoas trans dentro dos espaços esportivos, como se estes espaços não fossem legítimos para elas (Chaves; Araújo, 2015).

Segundo a análise crítica de Foucault (2008), desafiar normas sociais que são consideradas garantidas implica questionar práticas institucionais e sociais que perpetuam desigualdades e injustiças. Um exemplo evidente disso é a forma como as pessoas transexuais são frequentemente questionadas e impedidas de participar de competições esportivas, o que silencia suas vozes e dificulta o acesso à informação sobre suas realidades e direitos. Essa dinâmica revela como certos discursos e normas sociais podem marginalizar grupos, reforçando desigualdades e limitando suas oportunidades de participação plena na sociedade.

Porém, por outro lado, um dos técnicos entrevistados (Técnico 1) traz argumentos interessantes sobre as possíveis vantagens com a participação de pessoas transexuais em competições esportivas, como nesta fala:

(...)Então, hoje a gente vê um grande universo de pessoas trans, a gente vê casos de sucesso a partir destes assuntos, somente de uma pessoa, que é a nadadora dos Estados Unidos que teve... a Tiffany do vôlei, o time dela nunca ganhou a Superliga, e alguns casos de caráter amador, a

gente vê um pouquinho de sucesso...um pouco maior. (T1)

Dessa forma, para ganhar um jogo, principalmente se tratando de um esporte coletivo, percebemos que se faz necessário a participação do todo, onde não é possível ganhar uma partida apenas com um jogador(a), é preciso analisar o time por completo. Vemos relatos parecidos em defesa à participação das pessoas trans nas competições esportivas, como o atleta cisgênero (AC1) relata:

(...)A gente tem a presença hoje, por exemplo, no vôlei de uma mulher trans que a Tiffany que joga e que é uma mulher de 1,90m e a gente tem a presença de várias mulheres Cis, muito mais altas do que a Tiffany, a exemplo da Gamova que é uma jogadora russa exemplar com 2,02m, tem a Brayelin Martínez que joga no Brasil e é uma jogadora dominicana que tem 2,01m, a gente tem muitas jogadoras que inclusive passam a altura Tiffany passam o do biotipo da Tiffany e que atacam tão forte quanto, então quando a gente vê a Tiffany jogar, ela é bloqueada como qualquer jogadora, que ela ataca e ela erra como qualquer outra jogadora, então a gente vê aquele personagem físico quando ele vai para um campo prático, pra o campo pragmático, ela não tem a potência de um homem Cis entendeu, a única coisa que ainda restou é a carcaça é a altura que é irreversível, mas essa altura não chega a ser algo injusto com as mulheres Cis que jogam voleibol , porque é uma altura totalmente compatível com as outras mulheres Cis, é uma altura que é totalmente compatível com o padrão do esporte feminino. (AC1)

O voleibol é um esporte técnico e tático, dentro de quadra ou na areia, os atletas, seus técnicos e fisiologistas responsáveis procuram sempre dar seu melhor para vencer as competições esportivas. Assumindo os riscos de uma competição e trabalhando suas deficiências para atingir o alto rendimento.

5 CONCLUSÃO

O presente estudo analisou quais são as justificativas utilizadas por cada grupo de entrevistados para legitimar ou deslegitimar a participação de pessoas transexuais em competições esportivas. Diante das discussões analisadas, percebe-se que ainda há um certo impasse por parte de fisiologistas e técnicos para com a participação das pessoas transexuais em competições esportivas.

É possível notar que um dos fatores que ainda garantem a participação dos(as) atletas trans nas competições esportivas é a paixão pelo esporte, seus colegas que apoiam suas participações e as diretrizes estabelecidas pelo COI, que asseguram suas participações em olimpíadas.

Ainda assim, faz-se necessário a divulgação de artigos publicados, projetos de pesquisa e apoio de órgãos públicos para que haja maior disseminação dos estudos científicos mostrando que havendo o controle hormonal (como é pedido e feito nas competições esportivas) dos atletas transexuais, não há por que a proibição e muitas vezes humilhação por parte de outros jogadores(as) com esses atletas.

Por fim, esta pesquisa nos revela o amor e a importância do esporte na vida dessas pessoas, que em suas entrevistas relatam que jogar salvou suas vidas, melhorando a socialização, empatia, trabalho em equipe, condicionamento físico, evitando o surgimento de doenças crônicas, reduzindo o estresse e a depressão.

REFERÊNCIAS

- AHIDAMUS, Joao. **O transexual no contexto jurídico brasileiro**. JusBrasil, 2016. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/o-transexual-no-contexto-juridico-brasileiro/449992931> . Acesso em: 4 nov. 2024
- BAUER, M.W.; GASKEL, G.; ALLUM, N.C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In:BAUER, M.W.; GASKELL,G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.
- BBC News Mundo;. A polêmica luta de boxe de 46 segundos entre argelina e italiana na Olimpíada. **BBC NEWS BRASIL**, 1 ago, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cz9x9ddw40yo> . Acesso em: 6 ago. 2024.
- BENTO,B. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. 2º ed. Natal: EDUFRN, 2014.
- BENTO, B. Reinvenção do corpo: do determinismo biológico aos gêneros plurais. Em: GOMES-DA-SILVA, P.N.; CAMINHA, I.O. **Movimento Humano: incursões na educação e na cultura**, Curitiba: Appris, 2017. p.215-234.
- BERRIA, J. et al. Seleção dos informantes. In: SANTOS, S.G., MORETTIPIRES R. O. (org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Qualitativa Aplicada à Educação Física**. 1. ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, p. 38 – 77, 2012.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero - Feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO,W.X.; KESSLER,C.S. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 23, n. 47, p. 191-225, jan./abr. 2017.
- CHAVES, P.N; ARAÚJO, A.C.de. Pensando o corpo travestido e transexualizado no esporte: uma análise da película Beautiful Boxer. **Motrivivência**.v.7, n. 45, p. 219-229, set. 2015.
- COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Framework on Fairness, Inclusion and Non-discrimination on the Basis of Gender Identity and Sex Variations**. 22 de nov 2021.
- CONFED. Afinal, atletas transexuais têm mais força que as jogadoras cisgênero? **Notícias – Conselho Federal de Educação Física** [online], jul. 2018. Disponível em: <http://www.confef.org.br/confef/comunicacao/clipping/1170/>>. Acesso em: 26 de jul. de 2018.

DANILO, T. Reduzida por homicídios, a expectativa de um transexual no Brasil é de apenas 35 anos. **ÉPOCA**, jan.2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2018/01/reduzida-por-homicidiosexpectativa-de-vida-de-um-transexual-no-brasil-e-de-apenas-35-anos.html>>. Acesso em: 01 mai. 2019.

FRANCISCO, Waleska Vigo. **A norma de gênero olímpica**: mulheres legítimas e o tensionamento da bicategorização por atletas trans e intersexo. 2024. Tese (Doutorado em Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024. doi:10.11606/T.39.2024.tde-14062024-151305. Acesso em: 2024-11-05.

FINA. **Policy on Eligibility for the Men's and Women's Competition Categories** (Versão de 24 de março de 2023). Disponível em: <https://resources.fina.org/fina/document/2023/03/27/dbc3381c-91e9-4ea4-a743-84c8b06debef/Policy-on-Eligibility-for-the-Men-s-and-Women-s-Competiition-Categrories-Version-on-2023.03.24.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2024

FOLHA DE SÃO PAULO. Judoca se submeteu a cirurgias. **Folha de São Paulo**. Jun. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/7/17/esporte/8.html>. Acesso em: 19 fev. 2019.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GARCIA, R.M.; PEREIRA, E.G.B. ressignificações no esporte através da performance de Tifanny Abreu. **E-legis**, Brasília, Número Especial – Pesquisas e Políticas sobre Esporte, nov. 2018.

GILL, R. Análise do discurso. In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GOELLNER, S.V. et al. Pesquisa qualitativa na educação física brasileira: marco teórico e modos de usar. **R. da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, jun./ago. 2010.

GOELLNER, S. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**, n. 108, p. 29-38, 28 mar. 2016.

GRESPLAN, C. L. ; GOELLNER, S. V. Fallon Fox: Um corpo queer no octógono. **Movimento**. Porto Alegre, v. 20, n. 4, 2014, pp. 1265-1282.

JESUS, J.G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. 2a ed. Brasília: autor; 2012.

Jones BA, Arcelus J, Bouman WP, Haycraft E. Sport and Transgender People: A Systematic Review of the Literature Relating to Sport Participation and Competitive Sport Policies. **Sports Med.** v.47, p.701-716. Abril, 2017 doi: 10.1007/s40279-016-0621-y.

LOMBA, G. Dor e choro: atleta que derrubou testes de feminilidade faz apelo no Rio. **Globo Esporte**, ago. 2016. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/atletismo/noticia/2016/08/dor-e-choro-atleta-que-derrubou-testes-de-feminilidade-faz-apelo-no-rio.html>. Acesso em: 19 fev. 2019.

MACHADO, E.D.; TURATTI JÚNIOR, M.A. O papel do Estado na inclusão de atletas transexuais no esporte à luz da teoria do reconhecimento social. **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**, Salvador, v.4, n.1, p.22-42. 2018.

MUHLEN, J.C; GOELLNER, S.V. Jogos de Gênero em Pequim 2008: REPRESENTAÇÕES DE FEMINILIDADES E MASCULINIDADES (RE)PRODUZIDAS PELO SITE TERRA. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 165-184, jan./mar. 2012

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS. A. N. S. **Pesquisa qualitativa na Educação Física** - Alternativas Metodológicas. 3 ed., Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

PASSOS,G. Transexuais podem competir no Rio sem necessidade de cirurgia. **Portal EBC**, jan. 2016. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/esportes/2016/01/coi-divulga-diretrizes-para-atletastransexuais-que-nao-impoe-mudancas-cirurgicas>. Acesso em: 10.set.2018.

PIRES, B.G. As políticas de verificação de sexo/gênero no esporte: intersexualidade, doping, protocolos e resoluções. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n.24, p. 215-239, dez. 2016.

SERRANO, J.L.; CAMINHA, I. O. SENA, I.G. Transexualidade e educação física: uma revisão sistemática em periódicos das ciências da saúde. **Movimento**. Porto Alegre, v.23, n.3, p.1119-1132, jul./set. 2017.

SILVEIRA,V.T.; VAZ, A.F. Doping e controle de feminilidade no esporte*. **Cadernos Pagu**.v.42,p.447-475, jan./jun. 2014.

Silva, Jailson Silva e;. A importância da pesquisa no ensino superior. **JusBrasil**, 22 jun. 2015. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-importancia-da-pesquisa-no-ensino-superior/111959344>. Acesso em: 6 ago. 2024.

Silva, R. F. F. da . (2023). DIREITOS DE ATLETAS TRANSEXUAIS E RECONHECIMENTO ATRAVÉS DOS ESPORTES DE ALTO RENDIMENTO. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação**, 9(1), 404–422. <https://doi.org/10.51891/rease.v9i1.8230>

TEIXEIRA, F. L.; DECUSSATTI, D.; SILVA, R. DE C.; CAMINHA, I. Biopolítica e rejuvenescimento: uma revisão sistemática sobre os discursos científicos na educação física. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 4, 18 dez. 2015.

UOL. Crossfit proíbe transexual de competir entre mulheres e é processado. **Uol São Paulo**, mar.2014. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/ultimasnoticias/2014/03/07/crossfit-proibe-transexual-de-competir-entre-mulheres-e-eprocessado.htm>. Acesso em: 10 dez. 2018.

Preciado, Paul. **Um apartamento em Urano**: As crônicas da Travessia. Espanha: Zahar, 1º edição, 2020.

ANEXOS

ANEXO A: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ASPECTOS BIOLÓGICOS E SOCIOCULTURAIS: UMA ANÁLISE DAS JUSTIFICATIVAS PARA (DES)LEGITIMAÇÃO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS EM COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

Pesquisador: Iraquitan de Oliveira Caminha

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 29725620.0.0000.5188

Instituição Proponente: Universidade Federal da Paraíba

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.936.146

Apresentação do Projeto:

O projeto está estruturado:

ASPECTOS BIOLÓGICOS E SOCIOCULTURAIS: UMA ANÁLISE DAS JUSTIFICATIVAS PARA (DES)LEGITIMAÇÃO DAS PESSOAS TRANSEXUAIS EM COMPETIÇÕES ESPORTIVAS

Objetivo da Pesquisa:

Compreender os argumentos utilizados pelos atores sociais envolvidos no esporte para legitimar ou deslegitimar a participação de pessoas transexuais em competições esportivas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com os autores:

A presente pesquisa não prevê nenhum risco aos seus participantes, mas aponta que pode haver algum constrangimento que pode ser ocasionado por alguma pergunta da entrevista, caso isso aconteça, o entrevistado pode parar a entrevista a qualquer momento sem nenhum tipo de prejuízo.

BENEFÍCIOS

Os benefícios com a realização dessa pesquisa poderão ser identificados a longo prazo, já que com o resultado dela se propõe ampliar as discussões sobre a inclusão das pessoas transexuais em competições esportivas, através de estudos realizados cientificamente com diferentes atores

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 3.636.146

sociais que fazem parte do mundo esportivo, buscando assim, apontar caminhos dentro das competições com mais equidade considerando aspectos biológicos e socioculturais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está estruturado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados.

Conclusões ou Pendências e Lista de inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egregio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1520359.pdf	06/03/2020 11:03:08		Aceito
Outros	CERTIDAO.pdf	06/03/2020 11:01:21	Iraquitan de Oliveira Caminha	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODETALHADO.pdf	06/03/2020 10:56:07	Iraquitan de Oliveira Caminha	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	06/03/2020 10:54:35	Iraquitan de Oliveira Caminha	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	06/03/2020 10:54:12	Iraquitan de Oliveira Caminha	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	06/03/2020 10:48:11	Iraquitan de Oliveira Caminha	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	06/03/2020	Iraquitan de	Aceito

Endereço: UNIVERSITÁRIO S/N
Bairro: CASTELO BRANCO CEP: 58.051-900
UF: PB Município: JOÃO PESSOA
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Página 10 de 10

**UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA**



Continuação do Parecer: 3.636.146

Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	08:15:38	Oliveira Caminha	Aceito
----------------	------------------	----------	------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOÃO PESSOA, 26 de Março de 2020

Assinado por:

ANEXO B: DECLARAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO DE GRUPO DE PESQUISA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
LAISTHESIS – LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE CORPO, ESTÉTICA E
SOCIEDADE**

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que Esther Hannah Falcão Rangel Moreira, matrícula 20200103604, foi membro, de 10/09/2021 a 10/10/2022, do LAISTHESIS – Laboratório de estudos sobre Corpo, Estética e Sociedade, laboratório devidamente cadastrado no CNPQ e sob a minha coordenação. Destaco que durante esse período a referida aluno foi minha bolsista PIBIC.

Documento assinado digitalmente
 **IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA**
Data: 07/10/2024 10:07:49-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Dr. Iraquitán de Oliveira Caminha

João Pessoa, 07 de outubro de 2024

ANEXO C: TCLE COM IMPRESSÃO DACTILOSCOPICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Título: A PARTICIPAÇÃO DE ATLETAS TRANSEXUAIS E CIGÊNERO EM
COMPETIÇÕES DE ESPORTES COLETIVOS E O DISCURSO DOS ATORES
SOCIAIS ENVOLVIDOS NO ESPORTE**

Caro participante,

O estudante do Curso de Bacharelado em Educação Física, Esther Hannah Falcao Rangel Moreira da Universidade Federal da Paraíba, pretende realizar um estudo com as seguintes características: o objetivo geral se trata de compreender os argumentos utilizados pelos atores sociais envolvidos no esporte (técnicos esportivos, atletas transexuais, atletas cisgênero e fisiologistas) para legitimar ou deslegitimar a participação de pessoas transexuais em competições esportivas. Solicitamos a sua colaboração para participar da coleta dos dados através de uma entrevista do tipo semiestruturada, também é solicitada a sua autorização para que os dados possam constar em uma monografia de conclusão de graduação em Educação Física. Além disso, pedimos autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Informamos que os **benefícios** do estudo são de ampliar as discussões sobre a inclusão das pessoas transexuais em competições esportivas, através de estudos realizados cientificamente com diferentes atores sociais que fazem parte do mundo esportivo, buscando assim, apontar caminhos para possíveis mudanças nas diretrizes que regem a participação das pessoas transexuais em competições esportivas, pautadas em uma maior equidade considerando aspectos biológicos e socioculturais, trazendo assim, benefícios para todos os atores sociais envolvidos no esporte, além de contribuir para o crescimento de pesquisas nesta área. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde, mas, caso haja algum constrangimento em responder a alguma das perguntas da entrevista, ela se finaliza no mesmo momento.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelos pesquisadores. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo.

Os pesquisadores estarão à sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento livre e esclarecido para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante



Espaço para impressão dactiloscópica.

Assinatura da Testemunha

Contato com o Pesquisador Responsável: Iraquiton de Oliveira Caminha - Telefone: (83)999867923

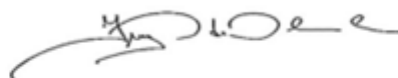
Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador Iraquitan de Oliveira Caminha - Telefone: (83)999867923
Endereço: Castelo Branco, s/n. Campus Universitário. Departamento de Educação Física.

ou

Comitê de Ética em Pesquisa do CCS – UFPB

Endereço: Centro de Ciências da Saúde - 1º andar / Campus I / Cidade Universitária / CEP: 58.051-900 - (83) 3216 7791

Atenciosamente,



Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO D: NORMAS DE PUBLICAÇÃO DA REVISTA

Diretrizes para Autores

DIRETRIZES PARA A PREPARAÇÃO DO ARTIGO

1. Foco da Revista

Pensar a Prática publica artigos relacionados ao campo acadêmico-profissional da Educação Física. É editada sob a responsabilidade institucional da Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás com publicação em fluxo contínuo e as submissões podem ser realizadas a qualquer tempo, em sistema de demanda contínua.

2. Política de Seção

Os textos submetidos à Revista *Pensar a Prática* devem ser direcionados para uma das seguintes seções, porém, a critério dos editores, o manuscrito poderá ser redirecionado para outra seção:

a) **Artigos Originais:** são trabalhos resultantes de pesquisa empírica com dados originais apresentados no resumo e no corpo do texto considerando a seguinte estrutura: introdução, problema, objetivos, metodologia, resultados e discussão.

b) **Artigos de Revisão:** são trabalhos que têm por objeto resumir, analisar, avaliar ou sintetizar trabalhos teóricos e/ou de investigação já publicados.

c) **Ensaio:** são trabalhos que apresentam reflexões teóricas próprias, elaborados a partir de interpretações livres e originais, ainda que sem dispensar inteiramente um rigoroso aparato de documentação empírica e bibliográfica.

d) **Resenhas:** são trabalhos que apresentam comentários e avaliações críticas de livros, filmes, peças, coreografias ou outros produtos resultantes de reflexões acadêmicas, artísticas ou de outras natureza.

3. Língua (Idioma)

A *Pensar a Prática* aceita a submissão de artigos em Português, Inglês e Espanhol. Registra-se que a adequação do relato escrito à norma culta da língua adotada e às normas da ABNT é de inteira responsabilidade do autor.

4. Formato do artigo

a) **Título:** deve ser informativo e conciso, em português ou na língua em que o artigo será submetido. Formatado em maiúsculo (caixa alta), fonte *Times New Roman*, tamanho 14, negrito e alinhado à esquerda;

b) **Resumo:** deve ser informativo, em português ou na língua em que o artigo será submetido, incluindo objetivo, método, resultado, conclusão. Cada resumo que acompanhar o artigo deverá ter, no máximo, 790 caracteres (contando espaços);

c) **Palavras chave:** devem ser constituídas de até quatro termos que identifiquem o assunto do artigo em português ou na língua em que o artigo será submetido, separados por ponto.

Sugere-se que os termos sejam selecionados entre aqueles disponíveis nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Disponível em <http://decs.bvs.br>;

d) **Título/Resumo/Palavras-chave em língua estrangeira 1:** deve ser inserido o título em inglês, resumo (*abstract*) com até 790 caracteres (contando espaços) e palavras-chave (*keywords*).

Caso o artigo seja submetido em inglês ou espanhol esse item deve ser preenchido com título, resumo e palavras-chave em português;

e) **Título/Resumo/Palavras-chave em língua estrangeira 2:** deve ser inserido o título em espanhol, resumo (*resumen*) com até 790 caracteres (contando espaços) e palavras-chave (*palabras-clave*).

Caso o artigo seja submetido em espanhol esse item deve ser preenchido com título, resumo e palavras-chave em inglês;

f) **Elementos textuais:** devem seguir as orientações referentes à seção escolhida (artigos originais; artigos de revisão; ensaios; resenhas);

g) **Referências:** devem ser redigidas conforme norma NBR 6023/2018.

Na preparação do artigo devem ser observadas as normas da ABNT referentes à apresentação de artigos em publicações periódicas (NBR 6022/2018), apresentação de citações em documentos (NBR 10.520/2023), norma para datar (NBR 5892/1989) e resumos (NBR 6028/2003), bem como a norma de apresentação tabular do IBGE.

5. Limite de autores

O artigo não poderá exceder o número de seis autores.

Termo de Responsabilidade de autoria: quando o manuscrito submetido tiver de quatro a seis autores, deverá ser enviada uma declaração de responsabilidade digitalizada de autoria assinada por todos.

Registra-se que, após o início da avaliação de mérito do manuscrito, não serão permitidas modificações nos dados de autoria, tais como a inclusão ou remoção de autores e modificação da sequência da autoria

O ORCID de todos os autores deverá ser incluído no momento da submissão do artigo, na seção de metadados.

6. Fonte e espaçamento do artigo

Os textos deverão ser digitados em editor de texto *Word* (formato DOC), fonte *Times New Roman*, tamanho 12, espaçamento simples entre linhas.

7. Tamanho do artigo e da resenha

O tamanho máximo para os artigos originais, artigos de revisão e ensaios (sem contar títulos, resumos, palavras-chave e referências ao final) será de trinta mil (30.000) caracteres (contando espaços). Para a resenha o tamanho máximo será de dez mil (10.000) caracteres (contando espaços). Não serão aceitos trabalhos que ultrapassem esses limites.

8. Notas, apêndice, figuras, tabelas e endereço de URL

- a) **Notas:** notas contidas no artigo devem ser indicadas com algarismos arábicos imediatamente depois da frase ou palavra a que diz respeito. As notas deverão vir no rodapé da página correspondente.
- b) **Apêndices:** listagens extensivas, estatísticas e outros elementos de suporte devem ser submetidos como documento suplementar.
- c) **Figuras e tabelas:** fotografias, gráficos, figuras e tabelas (estritamente indispensáveis à clareza do texto) devem ser inseridas no corpo do texto. Caso as ilustrações incorporadas ao artigo já tiverem sido publicadas, o autor deverá mencionar a fonte.
- d) **Endereço de URL:** todos os endereços de URL no texto (Ex.: <http://www.ibict.br>) devem estar ativos e prontos para clicar.

9. Comitê de ética, conflito de interesse, termo de responsabilidade de autoria e identificação de autoria

- a) **Comitê de Ética:** os critérios éticos da pesquisa devem ser respeitados dentro dos termos das Resoluções n.466/2012 e n.510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Assim, quando a pesquisa envolver coleta de dados com seres humanos os autores deverão encaminhar como "documento suplementar" o parecer de Comitê de Ética.
- b) **Conflitos de interesse:** caso haja conflitos de interesse na pesquisa explicitar na submissão em comentário para o editor.
- c) **Termo de Responsabilidade de autoria:** quando os manuscritos submetidos tiverem de quatro a seis autores, deverá ser enviada uma declaração de responsabilidade digitalizada de autoria assinada por todos.
- d) **Identificação de autoria:** não deve haver nenhum tipo informação (ex: nome do autor; instituição; grupo de pesquisa) que permita a identificação dos autores no corpo do texto e no arquivo em que o artigo foi gravado.

Para retirar a identificação do arquivo abra-o no *Word* na barra de títulos Arquivo/ Propriedades/ Resumo e exclua todas as informações. Esse procedimento garante o critério de sigilo da revista.

As informações dos autores devem constar apenas no sistema eletrônico da *Revista Pensar a Prática* nas partes referentes ao preenchimento dos metadados.

10. Apoio financeiro

É obrigatório informar no manuscrito, sob a forma de nota de rodapé, na primeira página do texto, todo e qualquer auxílio financeiro recebido para a elaboração da pesquisa. Caso não tenha recebido nenhum apoio financeiro, acrescentar a seguinte nota de rodapé: "O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização".

11. Informações complementares

- Ensaio Clínico: A *Pensar a Prática* apoia as políticas para registro de ensaios clínicos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do *International Committee of Medical Journal Editors (ICMJE)*, reconhecendo a importância dessas iniciativas para o registro e divulgação internacional de informações sobre estudos clínicos, em acesso aberto. Sendo assim, somente serão aceitos para publicação, a partir de 2007, os artigos de pesquisas clínicas que tenham recebido um número de identificação em um dos registros de ensaios clínicos validados pelos critérios estabelecidos pela OMS e *ICMJE*, cujos endereços estão disponíveis no site do *ICMJE* (<http://www.icmje.org/>). Essas informações devem ser submetidas por meio de documento suplementar.

- Deve ser enviada, como documento suplementar, uma lista sugerindo no mínimo dois avaliadores (doutores) para o manuscrito, com o nome, e-mail, instituição para contato. Atenção, não se deve indicar pesquisadores que tenham participado de qualquer parte da pesquisa que originou o manuscrito ou que tenham, atualmente ou no passado, vínculo com os autores que possa comprometer o processo de avaliação. Também é vetada a indicação de avaliadores pertencentes aos mesmos grupos de pesquisa e às mesmas instituições dos autores. A despeito da sugestão dos revisores, o processo de revisão duplo-cego será respeitado.

DIRETRIZES PARA A SUBMISSÃO DO ARTIGO

1. Início da Submissão

Todos os trabalhos devem ser enviados por meio do Sistema Eletrônico de Editoração de Revista (SEER), ao endereço: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fef/>.

Para submeter a trabalho o autor principal deve estar cadastrado na revista. Após o cadastro deve acessar o sistema preenchendo *login* e senha: <https://www.revistas.ufg.br/fef/login>

2. Processo de Submissão

Após acessar o sistema o autor deve clicar no botão “Nova submissão”, o que o levará para o início de um processo dividido em Cinco Passos, quais sejam: (1) Início; (2) Transferência do Manuscrito; (3) Dados da Submissão; (4) Confirmação; (5) Próximos Passos.

Cada etapa deve ser devidamente preenchida com as seguintes informações:

2.1 Início

Na primeira etapa deverão ser preenchidas as seguintes informações:

2.1.1 Idioma da submissão

Português, inglês ou espanhol.

2.1.2 Seção

Artigos originais, artigos de revisão, ensaios ou resenhas.

2.1.3 Requisitos para Envio de Manuscritos

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

- A contribuição deve ser original e inédita e não estar sendo avaliada para publicação por outras revistas.

- Os arquivos para submissão devem estar formatados conforme as orientações descritas nas "DIRETRIZES PARA A PREPARAÇÃO DO ARTIGO", dos itens 1 a 11.

- A Pensar a Prática avaliará simultaneamente até 2 artigos do mesmo autor/coautor. Caso esse limite seja extrapolado a nova submissão será arquivada sem apreciação de mérito.

2.1.4 Comentários para o editor

Durante o processo de submissão, o sistema disponibilizará um campo para comunicação direta do autor com o editor que deve ser preenchido com uma breve apresentação do manuscrito (recomenda-se um parágrafo) para destacar sua contribuição científica.

2.2 Transferência do manuscrito

Na segunda etapa o arquivo do manuscrito deverá ser transferido para o sistema da revista. Nomear adequadamente os arquivos, por exemplo: artigo original, artigo de revisão, parecer do comitê de ética, declaração de autoria, etc., pois o nome do arquivo ficará registrado no sistema.

2.2.1 Enviar Submissão

Na caixa "Componentes do artigo", selecione "Texto do artigo" e faça o upload do arquivo. Antes de enviar o arquivo certifique-se que a última versão atende as "Diretrizes para a preparação do artigo", itens de 1 a 11.

2.2.2 Metadados

2.2.3 Finalização

- Para enviar os arquivos complementares (parecer de comitê de ética, declaração assinada pelos autores, indicação de pareceristas, etc.), clique em "Enviar um Novo Arquivo", e repita os passos anteriores até cadastrar todos os arquivos necessários.

Após cadastrar todos os arquivos, clique em "Concluir", e posteriormente em "Salvar e continuar".

2.3 Dados da Submissão

Na terceira etapa os metadados deverão ser preenchidos com Título e Subtítulo, Resumo do Trabalho (português, inglês e espanhol), palavras-chave, agências de fomento (se houver) e dados de todos os autores (limite de 6 autores). Após inserir os dados, clique em "Salvar e continuar".

2.4 Confirmação

Após conferir todos os dados informados, clique em "Finalizar Submissão".

Declaração de Direito Autoral

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

1. Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Creative Commons Attribution License](#), a qual permite o compartilhamento online e gratuito do texto com o devido reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
2. Autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
3. Autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado (Veja [O Efeito do Acesso Livre](#)).

Política de Privacidade

Os nomes e endereços informados nesta revista serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

APÊNDICES

APÊNDICE A- ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA ATLETAS TRANSEXUAIS

1- Você já participou de competições esportivas de acordo com a sua identidade de gênero? Como foi a sua experiência nessas competições?

2- Você enquanto mulher/homem trans já teve que participar de competições esportivas de acordo com o sexo biológico? Como foi a sua experiência nessas competições?

3- Qual a sua opinião sobre a participação de pessoas transexuais (de maneira geral) em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero? A sua opinião é a mesma para homens e mulheres transexuais?

4- Na sua opinião, existe uma forma mais “justa” de competição?

APÊNDICE B- ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA TÉCNICOS ESPORTIVOS

1- Qual a sua opinião sobre a participação de pessoas transexuais em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero? A sua opinião é a mesma para homens e mulheres transexuais?

2- Na sua opinião, qual a forma mais “justa” de competição?

3- Você gostaria de ter um(a) atleta transexual em sua equipe? / Você aceitaria ser técnico de um(a) atleta transexual? (Pergunta destinada apenas aos técnicos que nunca atuaram com atletas transexuais).

APÊNDICE C- ROTEIRO DA ENTREVISTA PARA FISILOGISTAS

1- Qual a sua opinião sobre a participação de pessoas transexuais em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero? A sua opinião é a mesma para homens e mulheres transexuais?

2- Na sua opinião, existem possíveis vantagens ou desvantagens (fisiologicamente falando) para homens e mulheres trans em competições esportivas segundo a sua identidade de gênero?

3- Na sua opinião, qual a forma mais “justa” de competição?